

LAURA ALTAFIN CAVECHIA

Violência familiar na infância e seus impactos na vida adulta do indivíduo: Relato de um caso

BRASÍLIA-DF
Dezembro de 2024

LAURA ALTAFIN CAVECHIA

Violência familiar na infância e seus impactos na vida adulta do indivíduo: Relato de um caso

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – CEUB como requisito parcial para a conclusão do curso de Psicologia.

Professora Orientadora: Ma. Aurea Chagas Cerqueira

Brasília-DF
Dezembro de 2024

Folha de Avaliação

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira - CEUB
Orientadora

Prof. Dr. Guilherme Freitas Henderson - CEUB
Examinador

Profa. Dra. Tânia Inessa Martins de Resende - CEUB
Examinadora

Brasília, DF
Dezembro de 2024

Resumo

Esta pesquisa parte da perspectiva da pesquisadora sobre os frequentes relatos de indivíduos adultos com um passado de violência familiar. Laplanche aponta para a constituição das pulsões sexuais de vida e morte dos sujeitos, a partir das excitações de uma fonte externa (o outro). As consequências dessas pulsões originadas no contato com fontes externas trazem a reflexão de Winnicott sobre a importância do meio em que os indivíduos estão inseridos e a qualidade de suas interações. A família passa a ser, então, o primeiro ambiente social dos sujeitos. Entretanto, esse mesmo contexto familiar passa a ser o local privilegiado de manifestações dos atos violentos contra crianças e adolescentes, onde tais ações são silenciadas pela relação de cumplicidade que o adulto impõe à vítima, pela autoridade dos pais sobre os filhos. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi o de investigar, a partir da perspectiva da psicanálise, os possíveis impactos emocionais de um passado violento e familiar, percebidos, de forma singular, na vida adulta de uma participante de 38 anos, que se encontra em atendimento em uma clínica-escola, em Brasília-DF. Trata-se de uma pesquisa com enfoque qualitativo, cujos resultados foram analisados a partir da metodologia de análise do discurso. Por meio das falas, ouve a afirmação das marcas mais profundas da violência psicológica, diante as palavras depreciativas que lhe eram dirigidas, em comparação com a violência física que recebia. Pôde-se perceber as consequências sentidas até os dias atuais, como uma fonte de sofrimento psíquico. Faltou-lhe a sustentação e o apoio de um ambiente que pudesse favorecer o seu desenvolvimento emocional e social, como o conceito de *holding*, a partir do pensamento de Winnicott. A expectativa de um ambiente suficientemente bom parece ter sido insuficiente, no sentido de pouca ou nenhuma adaptação às necessidades quando ainda criança, em processo de amadurecimento. De acordo com Laplanche, a entrevistada, durante sua infância e adolescência, parece ter vivenciado traumas do tipo desestruturantes, uma vez que em que o inconsciente do adulto a atravessou a de modo violento, sem que ela tivesse sustentação ou apoio para traduzir tantas mensagens recebidas. Depreende-se com esse trabalho a importância da não naturalização dos ambientes familiares violentos em que uma criança totalmente dependente pode estar submetida.

Palavras-chave: Violência familiar; Impactos psicossociais; Psicanálise.

Abstract

The research came from the frequent reports of adult with a past of family violence. Laplanche points to the constitution of the sexual pulsation of life or of death, both based on the excitements of an external source (the other). The consequences of these external pulsation bring Winnicott's reflection on the importance of the environment in which individuals are inserted and the quality of their interactions. The family then becomes the first social environment to individuals. However, this same family context becomes the privileged place for manifestations of violent acts against children and teenagers, where such actions are silenced by the relationship of complicity that the adult imposes on the victim, by the authority of the parents over the children. In this context, the objective of this research investigated, from the perspective of psychoanalysis, the possible psychosocial impacts of a violent and family past perceived, in a unique way, form an adult with 38 years old who is treat at teaching clinic in Brasília – DF. This research use qualitative methodology, discourse analysis, to discuss the results. Through the speeches, was the affirmation of the deepest marks of psychological violence in comparison to the physical violence even received. It was possible to perceive the consequences felt until today, as a source of psychological suffering. The lack of family support could not favor his emotional and social development, such as the concept of holding, based on Winnicott's thinking. The expectation of a good enough environment seems to have been insufficient, in the sense of little or no adaptation to needs when she was a child, in the process of maturing. According to Laplanche, the interviewee, during her childhood and adolescence, seems to have experienced traumas of a destructuring type, as the adult's unconscious crossed her in a violent way, without having support to translate so many messages received. . This work demonstrates the importance of non-naturalization of violent family environments to which a totally dependent child may be subjected.

Keywords: Family violence, psychosocial impacts, psychoanalyses

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo 1. Fundamentação Teórica	09
1.1. Violência como fenômeno social à luz da psicanálise	09
1.2. Desenvolvimento socioafetivo	15
1.3. Família como ambiente.....	18
Capítulo 2. Metodologia	21
2.1. Participante	22
2.2. Instrumentos	23
2.3. Procedimentos	24
Capítulo 3. Resultados e Discussão	27
3.1. Ana	27
3.2. Um novo começo, entrada em psicoterapia	28
3.3. Um passado familiar	34
3.4. Ana e seu contexto atual	43
Considerações Finais	49
Referências	52
Anexos	54
Apêndice	61

Introdução

Esta pesquisa se originou a partir da percepção desta pesquisadora, durante o estágio acadêmico supervisionado do curso de psicologia, quanto aos frequentes relatos de indivíduos adultos sobre a presença da violência em sua infância, dentro de seus ambientes familiares. A partir desses relatos comuns de violência familiar, quando os pacientes ainda eram crianças, foi despertado o interesse em conhecer, estudar e aprofundar os possíveis impactos desses eventos sobre a vida desses indivíduos, já adultos.

A percepção acerca de uma pequena amostra de pacientes no consultório parece revelar uma realidade brasileira de hostilidade ao grupo de crianças e adolescentes, a qual acaba por marcar suas vidas. Segundo Nunes e Sales (2016), e a apresentação de dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006), a maior parte das lesões físicas acabam não sendo tão lesivas quanto às consequências psicológicas e seus efeitos duradouros no desenvolvimento biopsicossocial das crianças e adolescentes.

Segundo as definições expostas no trabalho de Freire (2010), o ato violento seria a possibilidade ou a ameaça da imposição da vontade de um sobre o outro, estabelecendo-se assim uma relação de poder. Essa relação de poder é facilmente possível de se dar em um ambiente familiar, em que crianças e adolescentes estabelecem uma relação de dependência e de hierarquias com seus cuidadores.

Dentro do ambiente familiar, haveria quatro tipos de violência podendo ser exercida contra a criança ou o adolescente, sendo eles: a violência física como aquela em que há uso de força física, podendo ser usado algum instrumento que pode causar lesões internas, externas ou ambas; a violência emocional ou psicológica como uma ação silenciosa mas que tem o objetivo de causar dano à identidade, autoestima e ao

desenvolvimento da outra pessoa; a negligência, quando se trata da omissão da responsabilidade de um dos cuidadores em relação à criança e ao adolescente; e a violência sexual em que há a obrigação para as práticas sexuais de forma ampla, incluindo a pornografia infantil (Organização Mundial da Saúde, 2002).

Segundo o Anuário brasileiro de segurança pública (2023), houve aumento dos registros de violências cometidas contra crianças e adolescentes, dado que já era alto nos anos anteriores. Importante pontuar que por mais que se tenham dados sobre as diversas violências infanto-juvenis e que se possa analisá-los e estudá-los, há de se ponderar os inúmeros atos violentos que não são registrados, ou seja, que não chegam a ser levados às autoridades de segurança pública. Tal ponderação revela um cenário brasileiro ainda mais violento do que hoje conhecido. Também se torna pertinente afirmar que os acidentes e violências físicas, sexual, emocional e negligência contra crianças e adolescentes representam o maior problema de saúde pública para esse grupo social em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil (Anuário brasileiro de segurança pública, 2023).

Desta maneira, visando investigar sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes no ambiente familiar e algumas de suas consequências para o indivíduo, foi realizado um estudo a partir dos registros do processo psicoterápico de uma paciente em atendimento em uma clínica escola do Distrito Federal. Assim, esta pesquisa buscou aprofundar o conhecimento sobre as percepções e implicações de um contexto de violência familiar vivenciado na infância sobre indivíduos adultos.

Diante desse cenário violento brasileiro, em relação ao grupo social infanto-juvenil, e buscando compreender as consequências de ações do passado na vida atual dos indivíduos adultos, é que se fez a pergunta: Quais impactos e consequências

emocionais de um passado violento e familiar podem ser sentidos, percebidos, de forma singular, na vida adulta de indivíduos que vivenciaram tal experiência?

O objetivo principal deste estudo foi investigar as percepções e os impactos das vivências infantis de violência familiar sobre uma mulher adulta, de 38 anos, em atendimento psicológico em uma clínica-escola do DF.

Além disso, buscou-se compreender a percepção e o sofrimento psíquico gerado pelos impactos de violência familiar vivenciados por uma mulher adulta em sua infância; analisar os significados e sentidos atribuídos à violência familiar vivenciada; compreender possíveis aspectos limitadores ou desafiadores ao processo de desenvolvimento da participante diante de uma realidade familiar violenta; perceber as expectativas atuais da participante a partir do contexto de violência familiar vivenciado; contribuir para a visibilidade das consequências psíquica da violência familiar aos indivíduos violentados quando criança ou adolescente e contribuir para proposta de ação de instituições que são rede de apoio a crianças e adolescentes que sofrem violência intrafamiliar.

Capítulo 1

Fundamentação teórica

1.1. Violência como fenômeno social à luz da psicanálise

Apresentar dados sobre as violências, no plural, requer conceituar o ato e seus tipos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), violência seria o uso intencional de força ou poder em uma forma de ameaça contra si mesmo ou outras pessoas, grupos ou comunidades que ocasiona probabilidade de lesão, morte, dano psíquico e/ou alterações do desenvolvimento ou privações. Segundo a OMS (2006), é possível categorizar quatro tipos de violência infanto-juvenil: violência física, quando se faz uso da força e pode causar lesões internas e/ou externas ao sujeito; emocional ou psicológica, quando não há a força física, mas há intenção de causar dor ou dano à autoestima, à imagem ou identidade do outro; sexual, quando há a obrigação do outro a realizar práticas sexuais ou a pousar forçadamente de modo sexualizado; e a violência denominada negligência, em que se trata da omissão por parte de um ou mais cuidadores responsáveis. Quando os vários tipos de violência não ocasionam a fatalidade, podem gerar prejuízos ao crescimento, desenvolvimento e maturação das crianças (OMS, 2006).

A Lei no 8.069/1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), um dispositivo legal de proteção aos direitos desse público, e em seu artigo 2º, considera criança, a pessoa com até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele indivíduo entre doze e dezoito anos de idade. Com essa caracterização e, em relação aos dados sistematizados do Anuário brasileiro de segurança pública (2023),

aponta-se que a taxa de denúncia por maus tratos aumentou 12% entre os anos 2021 (19.799, número absoluto de denúncias) e 2022 (22.527, número absoluto de denúncias), sendo as vítimas prioritárias, aqueles entre as idades de 5 a 9 anos (7.697 casos, ou 35% do grupo alvo), seguidas das crianças entre 0 e 4 anos, representando 26% das vítimas prioritárias a esse tipo de violência. A lesão corporal dolosa, com intenção, é majoritariamente um caso de violência intrafamiliar e, apesar de relativa manutenção quantitativa, temporalmente (14.856 em 2021 e 15.370 em 2022), ainda representa valor elevado de denúncias, com a presença de 40,8 casos por 100 mil habitantes, sendo as vítimas prioritárias, aquelas entre 14 a 17 anos (8548 denúncias), mas já havendo casos na faixa etária de 0-4 anos, com 1.663 denúncias em 2022 (Anuário brasileiro de segurança pública, 2023).

Em relação à negligência, como sendo a omissão consciente, na análise da violência parental, a situação mais grave perpassa o crime de abandono de incapaz. Esse tipo de violência também cresceu em 2022 (14%) em relação ao ano de 2021, sendo as crianças de 0 a 13 anos, as principais vítimas (20 registros a cada 100 mil habitantes). Já a violência sexual, assim considerado o estupro, a pornografia infantojuvenil e a exploração sexual, foi o tipo de violência que apresentou maiores valores. Foram 54.490 denúncias em 2022 (45.363 em 2021), sendo importante citar a presença de vítimas já na faixa de idade de 0 a 4 anos (Anuário brasileiro de segurança pública, 2023).

A violência representada por esses dados quantitativos, parece revelar, portanto, características e propriedades também qualitativas. As manifestações de violência decorrem de uma relação social onde parece existir a dominação de um sobre o outro. Em seu texto “O mal-estar na civilização” (1930), Freud aponta que o ser humano apresenta o impulso da crueldade que deriva do instinto de dominação e que, ao

contrário de serem gentis, os humanos são criaturas que apresentam tentações em maltratar o próximo. Quando as forças internas que inibem esse instinto falham, o sujeito se revela como uma verdadeira “*besta selvagem*” que causa estranhamento aos demais (Freud, 1930). A repressão deste instinto estaria sustentada no medo do desamparo, no medo da perda do amor das pessoas com as quais o sujeito se relaciona e das quais depende. Mas pondera que os sujeitos se permitem, com frequência, ter ações más que lhes dão prazer, desde que estejam seguras de que aqueles que lhes são autoridades não saibam ou não os culpem pelos atos, pois há o medo de serem descobertos.

Esses impulsos que Freud coloca como fora de controle, que podem escapar da repressão, foram anteriormente apresentados pelo autor em 1920, em seu texto “Para além do princípio do prazer” (1920/2006). Foi nesse texto que Freud introduziu uma nova ideia de que haveria, portanto, uma dualidade das pulsões nos sujeitos. Uma pulsão seria aquela com característica construtiva ou assimilatória e outra destrutiva ou dissimilatória - assim descreveu e separou a pulsão de vida e a pulsão de morte. Mas que, ambas, seriam fontes de excitação interna do sujeito, que se encontram no inconsciente, do aparelho psíquico primário, e que poderiam ser transferidas para o aparelho psíquico, dito secundário ou superior, sendo este último o da vida normal de vigília, responsável por ligar ou processar os impulsos que chegam do sistema primário.

Segundo Freud (1920/2006), a pulsão de vida estaria ligada à sexualidade, nesse texto, voltado à função reprodutiva. A pulsão de morte, por sua vez, estaria desligada da sexualidade, seria uma espécie de impulso de autoconservação, com o objetivo de retornar o psiquismo à vida inorgânica, como uma tendência natural de voltar a um

estado anterior. A existência da dualidade dos impulsos justificaria à Freud, à época, a presença de tantos processos da vida psíquica que ocorrerem de modo independente do princípio do prazer. Freud (1920/2006), portanto, nesse texto apresenta, além da visão dualista dos impulsos, o caráter orgânico das pulsões ou inato aos sujeitos. E é exatamente a ideia biologizante dos impulsos ou pulsões que passa a ser questionada por outros autores.

Laplanche, em seus textos, vai resgatar o dito desvio de Freud à sexualidade a partir de sua Teoria da Sedução Generalizada (Belo, 2004; Padilha Netto & Cardoso, 2012). Esse autor torna-se interessante uma vez que sua proposta é fazer uma leitura atenta dos textos de Freud, de modo a apontar as tensões e contradições recorrentes das produções freudianas, de forma a “fazer trabalhar” os textos de Freud (Baracat, 2022). Com isso, Laplanche irá apontar, a partir da própria releitura ou tradução das obras de Freud, que as excitações internas do inconsciente não teriam origem no corpo do sujeito, não teria o caráter inato ou biológico. As excitações seriam sentidas no corpo, mas o objeto das excitações internas teria uma fonte externa. Laplanche, portanto, aponta para um inconsciente ou a constituição subjetiva do sujeito com origem a partir de um outro e que começa a partir da relação mãe-bebê ou adulto com sua criança, nos primeiros anos de vida (Belo, 2004).

A sedução generalizada de Laplanche não é de uma sexualidade violenta ou disruptiva, mas se dá a partir de ações de vínculo no convívio e cuidado de uma mãe com seu bebê, considerando mãe como função, sendo exercida por aquele que está na posição de cuidar de outro. O adulto com seu inconsciente sexual, ainda com resíduos de sua sexualidade infantil, inundaria, por assim dizer, o infante de mensagens

enigmáticas sejam elas verbais, não verbais ou comportamentais (Padilha Netto & Cardoso, 2012).

Essas mensagens seriam sentidas pelo sujeito como excitações que vêm do outro. Segundo Laplanche, são excitações que geram prazer e são necessariamente sexuais que provocam o sujeito ao trabalho de articulá-las e traduzi-las. O inconsciente seria justamente os resquícios, ou a falha das traduções do sujeito sobre as excitações recebidas desde seu nascimento. Com isso, Laplanche revela o estado passivo originário do sujeito, receptor das mensagens, do conteúdo inconsciente sexual da mãe (como função), que lhe será atravessado e aos poucos vai lhe constituir, para posteriormente, ter a chance de ser traduzido. O ser passivo, no início, não tem aparato psíquico para traduzir as mensagens recebidas. As falhas ou restos das excitações não traduzidas, são recalçadas e passam a constituir o inconsciente do infante (Belo, 2004). E são justamente esses significantes do inconsciente os impulsionadores da vida psíquica do sujeito, ou seja, que constituem as pulsões.

Laplanche aqui resgata, então, característica sexual em Freud para explicar a pulsão de morte. Para Laplanche (Padilha Netto & Cardoso, 2012) seria a pulsão sexual de morte aquelas excitações instáveis, fragmentadas, presentes no inconsciente primário, não ligadas, ou não integradas ao ego, cuja descarga é visceral e a satisfação de seu desejo é imediato e direto. Já a pulsão sexual de vida para o autor, por outro lado, são as excitações integradas, é consoante ao ego, é estável, não fragmentada, é síntese, é expressão dos desejos ou satisfação por uma via mais organizada e harmônica.

Laplanche, portanto, assume a pulsão sexual também com seus aspectos violentos e desestruturantes na vida psíquica do sujeito. A manifestação da pulsão sexual de morte seria a sexualidade infantil sendo expressa de qualquer jeito, sob

qualquer preço, sem nenhum tipo de enquadramento, que visa uma descarga total correndo risco, inclusive, de destruição do objeto de desejo, ora ameaçando o indivíduo de destruição, ora ameaçando o coletivo (Padilha Netto e Cardoso, 2012).

Segundo Belo (2004), parece haver saídas distintas àqueles sujeitos que experimentam, em seu corpo, diferentes formas de violência oriundas dessa pulsão sexual de morte. Entende-se como pertinente reforçar o conceito de violência para essa linha psicanalítica, de Laplanche. Assim, atos de violência seriam caracterizados como uso da agressividade com finalidade de destruição, seja consciente ou não. E onde há, nesses atos, a percepção do sujeito violentado, o desejo do outro de lhe trazer sofrimento. Parece, portanto, que ações violentas precisam ser significadas por aquele que a sofrem. E, como Costa (apud Belo, 2004) cita, é só posteriormente ao(s) ato(s) que o sujeito que foi violentado *“virá a saber que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar enquanto ser psíquico”*. Assim, há uma questão temporal e de significação de ações violentas, uma vez que é só a posteriori que a criança, à medida que se desenvolve, vai questionar os motivos para os atos violentos que recebeu e, vai então interpretá-los, como significantes de dominação e humilhação. Entretanto, há de se considerar que, para além da significação das ações posteriores, é fato que as excitações introjetadas, ou as mensagens enigmáticas dos adultos sobre a criança, já estão depositadas e operando no sujeito, em seu aparelho psíquico (Belo, 2004).

As consequências dessas excitações, ou melhor, a forma como o sujeito violentado vai lidar com as mensagens enigmáticas carregadas de atos violentos, parecem relacionar a presença ou ausência de elementos identificatórios e amorosos, mesmo que de forma ambivalente (Belo, 2004). Assim, para o autor *“Quanto maior a*

presença desses elementos, maior a capacidade de simbolização. Quanto mais faltar a possibilidade de identificação, quanto maior a privação, mais defesas que visem destruir o outro serão usadas”. Ou seja, as excitações internas desorganizadas, quando não ligadas ou elaboradas, passam a ser descontroladas, exigindo uma satisfação a qualquer preço. A presença de uma contenção, que pode ser concretizada com a existência de uma relação amorosa, é que pode possibilitar tal organização das pulsões, como espécie de borda para que a sexualidade primitiva da infância do sujeito possa ser significada e, que a pulsão sexual de morte, voltada a si ou aos outros, possa passar a ser pulsão sexual de vida.

1.2. Desenvolvimento socioafetivo

A ideia da necessidade da contenção dos impulsos, a partir da existência de uma relação amorosa para a construção de significados, parece se aproximar das ideias de Winnicott (2000) e por isso, que o trabalho deste autor parece complementar a base teórica deste estudo. Para este autor, durante a primeira infância, o desenvolvimento cognitivo e emocional do sujeito está intimamente ligado com a afetividade e com a socialização (Olic, 2019). O meio em que o sujeito vive e a qualidade de suas interações, principalmente da relação mãe-bebê, são fundamentais e condicionantes para o desenvolvimento do sujeito. Winnicott deu foco nas relações afetivas presentes no meio, as quais parecem anteceder as funções psíquicas do indivíduo, no sentido de que é a partir da primeira que se constitui a segunda (Neiva Peiter (2020). E, associada a essas relações, a importância da função de *holding* das (os) cuidadores / do ambiente, segundo Winnicott, como fundamental para estruturação do ego de uma criança.

A função materna de *holding* seria a de segurar, acolher, sustentar, conter não só fisicamente, mas emocionalmente o sujeito ao longo dos vários momentos de sua vida, oportunizando a estruturação do sujeito em seu desenvolvimento psíquico (Diniz, Assis & Souza, 2018). Winnicott (2000) aponta que “... *sem o cuidado materno não haveria bebê*” (pag. 40). Assim, é de supor que, crescer em um ambiente sem a existência dessa sustentação ou sem afeto, mostra quão vulnerável o sujeito pode estar para seu desenvolvimento, ou melhor, para sua integração como unidade e como sujeito.

Winnicott (2000), em sua consideração sobre a integração, aponta:

“Numa análise normal podemos aceitar como óbvia, e de fato o fazemos, esse patamar altamente complexo no desenvolvimento emocional que, quando alcançado, representa um enorme avanço no desenvolvimento por mais que nunca se possa dizer que se chegou ao seu ponto final”. (p. 227).

A ideia de integração de Winnicott (2000), que começa assim que o indivíduo nasce, está ligada a um ambiente seguro e se baseia na construção de uma unidade a qual aponta para uma outra teoria para além do desenvolvimento sexual de Freud, em seu *Três ensaios sobre a sexualidade* (1996). Segundo Santos (1999), para Winnicott, o sujeito, nos primeiros anos de vida, não pretende castrar o pai ou incorporar a mãe, mas o que almeja é a presença segura do outro, da mãe como função, que lhe dê segurança para estar no mundo. Nessa lógica, as angústias não estariam relacionadas à função sexual de Freud, mas relacionada ao medo ou temor a um estado de desintegração, das ameaças pelo simples fato de existir ou de um ambiente físico imprevisível (Santos, 1999). A teoria do amadurecimento de Winnicott aponta para o desenvolvimento do

sujeito relacionado com a integração do indivíduo, sendo o ponto inicial, de constituição do sujeito, a relação mãe-bebê (Winnicott, 1983).

Parece haver aproximações nos entendimentos de Laplanche e Winnicott quanto à importância de um outro, para Laplanche, e um ambiente, para Winnicott, para a constituição dos alicerces da estrutura psíquica do indivíduo. Para ambos autores, haveria, portanto, um estado inicial de dependência absoluta do outro/ambiente onde a mãe (como função) ganha papel estruturador da constituição psíquica, para Laplanche, e da integração como unidade, para Winnicott. A mãe inundaria, para Laplanche e, para Winnicott, assentaria bases para a estrutura psíquica ou saúde mental do indivíduo.

A integração do sujeito, para Winnicott (2000) não seria algo inato, mas que necessita de um meio que possa facilitar o processo, como fornecer cuidados às necessidades que vão aparecendo ao longo do processo de amadurecimento do indivíduo. Assim, seria o ambiente não determinando, mas facilitando o sujeito a crescer, a se constituir e a amadurecer (Dias, 1997). Se há falhas no ambiente haveria, portanto, problemas no processo de maturação do sujeito e nas suas relações futuras, barrando o crescimento emocional e cognitivo da criança (Olic, 2019; Santos, 1999). Com isso, a base para se estar no mundo está relacionada com as primeiras relações estabelecidas com o outro, com o ambiente.

A teoria do amadurecimento de Winnicott (Dias, 1997), portanto, estaria estruturada em estágios em que há conquistas a serem feitas, dificuldades a serem resolvidas e que o meio se torna importante para dar sustentação ao sujeito em processo. Para Winnicott (1983), o amadurecimento de um sujeito começa com a dependência absoluta (primeiro estágio), em que o bebê depende totalmente do outro para suas necessidades básicas e emocionais. Em seguida, o sujeito passaria pela dependência

relativa (segundo estágio), que se origina a partir da adaptação às falhas graduais do ambiente, onde o sujeito vai se percebendo como algo separado do outro e começa a explorar seu entorno. Mas ainda depende de outro para promover suas necessidades. O terceiro estágio dessa teoria, seria a independência relativa, nunca absoluta e, entendida como a fase final e saudável na qual o sujeito permanece ao longo da vida. Nessa última fase, há independência do outro, mas o reconhecimento da importância das relações e de seu reconhecimento como parte integrante de um meio social. Olic (2019) aponta a não linearidade dos estágios, podendo haver sobreposição de um com outro ou até regressão ao estágio anterior, uma vez que, nas conquistas não há garantias, mas a teoria tem como premissa a necessidade de um ambiente facilitador para que o amadurecimento ocorra.

E, assim, a importância de um ambiente estável e de cuidados nos primeiros anos de vida são considerados como essenciais para o desenvolvimento e amadurecimento do indivíduo (Olic, 2019). A família então pensada como o primeiro ambiente é primordial aos sujeitos. Assim como aponta Santos (1999), se o ambiente é estável, cuidadoso, será mais fácil o sujeito se estruturar, mas caso contrário, em um ambiente imprevisível e pouco sensível, o processo de maturação pode tender a um trauma.

1.3. Família como ambiente

O ambiente, para a teoria de Winnicott é fundamental conforme já visto e, a existência de um meio suficientemente bom, nos primeiros anos de vida do sujeito, gera amadurecimento e relacionamentos futuros. Como Olic (2019) pontuou, a “*família é a continuidade do colo materno*”, como uma extensão da função da mãe, no início, de sustentar, acolher, conter; é o primeiro meio social do sujeito que, se tem confiança e é

seguro, permite a continuidade do amadurecimento. O lar suficientemente bom é aquele que consegue oferecer apoio aos desafios de cada estágio do desenvolvimento, capaz de adaptar as necessidades do sujeito à maturação; a “*confiança, segurança, socialização e afeto são a base para a vida em sociedade*” (Olic, 2019). A vida social do indivíduo é como uma extensão das relações familiares.

Entretanto, a importância do ambiente familiar como estruturador ao sujeito vai na contramão de dados atuais sobre a qualidade das relações entre os cuidadores e as crianças e adolescentes em um contexto familiar. A partir do trabalho de Nunes e Sales (2016), é possível apontar que o sujeito que age violentamente contra o infante-juvenil é, na maioria das vezes, um membro da família, dado que converge com os resultados obtidos no Anuário brasileiro de segurança pública (2023). Esses mesmos autores (Nunes & Sales, 2016; Anuário de 2023) citam o aumento da vulnerabilidade e riscos que as situações violentas provocam quanto menor for a idade do sujeito, isso porque seu grau de dependência com seu cuidador para atividades básicas de sobrevivência é muito maior e demanda das habilidades do cuidador.

A violência familiar, segundo Freire (2010), se refere aos atos de transgressão dos cuidadores sobre as crianças, em que o estabelecimento da relação de poder do primeiro sobre a submissão do segundo desvia-se da função de proteção para coisificação da infância, no sentido de anular ou negar direitos que crianças e adolescentes têm de serem sujeitos, em fase de desenvolvimento. Para além da violência contra a criança ser crime, por ferir leis e o Estatuto da Criança e do Adolescente, esses atos oprimem os sujeitos dependentes de cuidados, instiga o medo e restringe a sua liberdade (Freire, 2010).

O contexto familiar passa a ser o local privilegiado de manifestações dos atos violentos de familiares contra as crianças e adolescentes, onde tais ações são silenciadas pela relação de cumplicidade que o adulto impõe à vítima, pela autoridade dos pais sobre os filhos. Esse ambiente doméstico violento independe da classe social, pois está ligado a objetificar a criança e submetê-la aos desejos do adulto, reprimindo-a e aprisionando-a pelo medo (Freire, 2010).

Têm-se as crianças e os adolescentes como objeto dos atos violentos e, como meio para a satisfação do desejo de destruição, por parte de quem deveria promover seus cuidados. Assim, os atos violentos intrafamiliares passam a ser a expressão das pulsões sexuais de morte dos cuidadores responsáveis pelos menores de idade. Esses cuidadores que deveriam assegurar um ambiente suficientemente bom aos sujeitos em desenvolvimento, se apresentam com a expressão de sua pulsão de destruição. E então, a reflexão da dor de se tornar objeto da pulsão sexual de morte por aqueles nos quais se projeta confiança, amor e segurança. Como compreender a percepção daqueles que apresentam amor incondicional àquele que o destrói, que o mutila ou que o humilha? Como é a percepção de se reconhecer como objeto, de certa forma, não desejado por aquele que lhe é seu objeto de desejo?

Capítulo 2

Metodologia

Esta pesquisa foi conduzida de acordo com a perspectiva de pesquisa qualitativa e se apoiou nos princípios metodológicos da Análise do Discurso em articulação com os aportes teóricos e clínicos da psicanálise.

Iribarry (2003) aponta que, para a pesquisa psicanalítica, não há como exigir uma sistematização completa e exclusiva dos dados, uma vez que se trabalha com a imprevisibilidade do inconsciente e, portanto, se faz uso do significante. Assim, para Rosa e Domingues (2010), trabalhar com o inconsciente implica supor que não há algo pronto a ser coletado pelo pesquisador, mas implica que o pesquisador supõe que o entrevistado/sujeito analisado saiba de algo de forma singular. Segundo essas autoras, a pesquisa psicanalítica contribui para elucidar como os sujeitos, entrelaçados às relações de poder e dominação, apresentam possíveis saídas individuais, sociais e políticas. Essa pesquisa buscou identificar justamente as relações sociais e estratégias de enfrentamento utilizadas pela história de vida da participante a ser estudada. Por isso a importância da análise do discurso, pois é por meio deste que, segundo Orlandi (2005), se busca compreender as relações de poder, uma vez que é na fala que essas relações são significadas e simbolizadas.

Importante considerar que o discurso passa a se relacionar com o tempo histórico e o interesse da pesquisa recai sobre a análise do fenômeno na atualidade. Para Orlandi (2008), é dentro de um contexto histórico que haverá a fala e, portanto, ocorrerá

a significação. Sendo assim, o contexto passa a ser a delimitação para o estabelecimento da significação e de construção de sentidos (Iribarry, 2003). Com isso, para a teoria de Pêcheux (Orlandi, 2005), as palavras passam a ter um sentido a partir das relações sociais, ocorrendo nas construções discursivas de um determinado tempo histórico e provisório, destacando, assim, o caráter suscetível de devir a ser, em um constante processo de transformação dos sentidos. Nesse sentido, Rosa e Domingues (2010) apontam que o sujeito é produto e produtor da rede simbólica de um contexto social e político, sendo o desvendar de um, o desvendar de um outro.

Assim, indo ao encontro das ideias levantadas por Figueiredo e Minerbo (2006), é importante destacar que a interpretação realizada diante do discurso não será como uma verdade tomada como definitiva, mas como algo sempre provisório e possível, considerando o contexto histórico. Para os autores, a interpretação do discurso significa olhar o fenômeno investigado para além do seu campo, o que torna possível os envolvidos enxergarem as coisas de modo que antes não percebiam e com isso, se transformam (Figueiredo & Minerbo, 2006).

2.1 Participante

Este estudo foi realizado a partir de entrevista e análise do prontuário de uma paciente de 38 anos, residente em Brasília-DF, em atendimento psicoterápico na Clínica-Escola do Centro de Formação de Psicólogos do Centro Universitário de Brasília – CENFOR/CEUB, a qual apresenta histórico de violência familiar na infância. Este estudo foi realizado com a anuência da supervisora Geral de Estágio do CENFOR, conforme o Termo de Aceite Institucional assinado (Anexo 3).

Vale ressaltar que a paciente participava, desde 2022, de processo terapêutico fundamentado nos pressupostos da Gestalt-terapia, no qual foram utilizadas a escuta e a descrição fenomenológica, o favorecimento do contato, a aceitação, a presença e a confirmação, além do recurso da técnica da cadeira vazia. Para o presente estudo, a análise dos fenômenos se baseou nos fundamentos da psicanálise.

A utilização de prontuários para fins de pesquisas científicas é amparada na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e está em consonância com as orientações contidas na Carta Circular nº 006/2019 do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEUB, a qual apresenta informações e orientações para pesquisas com Prontuários.

Cabe destacar que a participante que se encontrava em atendimento psicoterápico no CENFOR teve conhecimento prévio acerca da possível utilização do seu prontuário para fins de pesquisas e estudos científicos, uma vez que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1), que se encontra no seu prontuário, quando iniciou o seu processo psicoterápico. Paralelamente, para a realização da entrevista, foi apresentado à participante um segundo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a entrevista – TCLE (Anexo 2).

2.2 Instrumentos

Este estudo foi realizado por meio da leitura do prontuário da paciente, em atendimento entre os anos de 2022 a 2024. Em seu prontuário constam os relatos das sessões semanais, bem como constam os relatórios finais de cada semestre em que a mesma foi atendida no CENFOR. Cabe destacar que essa paciente foi atendida pela

pesquisadora ao longo do segundo semestre do ano de 2023, e atualmente está em acompanhamento psicoterapêutico com outra aluna da instituição.

Em paralelo, foi utilizado um roteiro de entrevista (Apêndice 1) para a realização de uma entrevista individual semiestruturada com a paciente, com a anuência prévia e o acompanhamento psicológico por parte de sua atual terapeuta, de modo a complementar as percepções da pesquisadora acerca das informações constantes nos relatos das sessões de atendimentos realizadas.

A entrevista realizada junto à participante teve como objetivo a compreensão acerca da percepção da paciente diante de seu contexto de violência familiar.

2.3 Procedimentos

Este estudo foi submetido à apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/CEUB. Em atenção aos princípios éticos e técnicos, a utilização do material produzido neste estudo foi apoiada nas Resoluções no. 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde - CNS.

Torna-se importante pontuar que os indivíduos cadastrados no Centro de Atendimento Comunitário do Ceub são atendidos por estudantes no final da graduação do curso de Psicologia, sob orientação e supervisão de profissionais da área. Logo no início do processo de atendimento, é esclarecida a característica de atendimento escolar e solicitado, caso esteja de acordo, que assine o Termo de Consentimento que permite que os dados e informações a respeito de seu quadro clínico, possam ser, eventualmente, utilizados para fins de pesquisa.

O prontuário da paciente em atendimento foi estudado, de modo a aprofundar na leitura dos relatos de sessão produzidos ao longo dos anos de 2022 a 2024, agora sob à luz da perspectiva psicanalítica. Também foram analisados os relatórios finais semestrais redigidos.

Paralelamente, foi realizada uma entrevista individual semiestruturada com a paciente, conforme roteiro de entrevista (Apêndice 1), de modo a complementar as informações dispostas nos relatos de sessão constantes no prontuário.

A análise dos resultados foi realizada a partir da utilização do método de Análise de Discurso e da interpretação dos relatos de sessões e da entrevista com a participante, em articulação com a teoria psicanalítica. A escuta flutuante foi utilizada para realizar recortes, destacando temas, expressões, brechas, gestos, palavras, para que possam ser elementos para a reconstrução das falas com o alcance de novo sentido.

Desta forma, assim como apontado por Figueiredo e Minerbo (2006), os relatos de sessões e entrevistas foram desconstruídos, desmontados, recortados e reconstruídos. Assim, na análise dos dados se buscou identificar marcas do discurso, posições e significantes que pudessem contribuir para a compreensão da temática, a partir das perguntas originárias da pesquisa.

Iribarry (2003) traz para a pesquisa em psicanálise o termo leitura-escuta que designa uma leitura dirigida dos relatos de sessão e o discurso da entrevista de maneira a procurar identificar não só o dito, mas o não dito, as falhas, os tropeços de um discurso. A partir da leitura dirigida, portanto, foi possível identificar, nos discursos da paciente, contribuições singulares e significativas para o problema desta pesquisa. Por fim, Iribarry (2003) destaca o processo de transferência instrumentalizada na pesquisa

psicanalítica, como sendo o processo em que o pesquisador se volta aos discursos de seus entrevistados e relaciona os achados com a literatura acadêmica.

A partir dos relatos de sessão e das informações obtidas na entrevista, foi possível interpretar o discurso da participante, relativamente ao seu contexto de violência familiar. Segundo Rosa e Domingues (2010), é a partir dos depoimentos que é possível acessar o inconsciente, uma vez que este está presente nos discursos cotidianos dos sujeitos, inclusive nos esquecimentos e nos chistes. Godoy e Bairrão (2014), por sua vez, afirmam que a escuta permite a interpretação do saber inconsciente, de modo que seja possível recuperar o verdadeiro sentido desse saber.

Capítulo 3

Resultados e Discussão

3.1 Ana

Este trabalho contou com a participação de Ana (nome fictício), uma mulher solteira, de 38 anos, a qual esteve em psicoterapia com esta pesquisadora no segundo semestre de 2023. Neste contexto de psicoterapia no Centro de Formação de Psicólogos do Ceub – Cenfor/CEUB, pôde-se conhecer, por meio das falas durante as sessões, o histórico de violência familiar que a mesma havia passado em sua infância e adolescência. Devido à presença desse histórico, e pelo fato de Ana apresentar suas percepções sobre esse passado, é que se buscou explorá-las neste trabalho, sob a luz da Psicanálise.

Primeiramente, torna-se importante descrever quem é essa pessoa. Ana é uma mulher adulta, com segundo grau completo e dois filhos. No momento do desenvolvimento deste estudo, o mais velho estava com 20 anos e o mais novo, com 17 anos, e ambos moravam com Ana. Nessa mesma época, Ana trabalhava em dois empregos, um aos finais de semana e outro, esporadicamente, durante o dia. Ana tem dois irmãos, um mais velho, de 40 anos, e outro mais novo, com 36 anos, além de uma irmã, da qual desconhece a idade. Com esses irmãos, Ana tinha contato apenas com o irmão mais novo, que era seu irmão de mesma mãe. Ana se casou com 17 anos e, aos 31 anos, se separou.

O atendimento de psicoterapia no Cenfor com Ana se iniciou no primeiro semestre de 2022 e, no segundo semestre de 2023, além de continuar com a terapia individual, Ana também se submeteu a uma avaliação psicológica, por demanda própria.

A conclusão desta, em setembro/2023, forneceu-lhe uma hipótese diagnóstica:

“sintomatologia depressiva moderada e identificação de comportamentos ansiosos, principalmente quanto ao futuro; de insegurança; de menos valia e sofrimento por antecipação”.

Ana continuou em atendimento psicoterápico no ano de 2024 e uma entrevista foi realizada de modo presencial no dia 23 de setembro deste ano, em uma das salas de atendimento do Cenfor/CEUB. Assim, para este estudo, foram considerados a entrevista, bem como os registros de sessões do período de 2022 a setembro de 2024, incluindo aqui, os registros do processo de avaliação psicológica.

3.2 Um novo começo, entrada em psicoterapia

No início do processo psicoterápico, Ana deixou clara a razão da busca pela psicoterapia. Queixou-se de se sentir fora do normal em relação às outras pessoas à sua volta. Explicou que, por volta do período 2021/2022, essa diferença em relação aos demais à sua volta, lhe causava estranheza.

Ao mesmo tempo, Ana trouxe a informação de que estava fazendo uso de algumas drogas e que não tinha medo de usar e misturar as substâncias. Não tinha medo das consequências das drogas em seu corpo e tampouco havia receio de se viciar, de perder o emprego, de trazer alguma consequência mais séria para sua vida. Entretanto, apontou que, em um momento desse período, chegou a usar uma droga que ela considerou como pesada. Ao falar desse momento, Ana destacou que o uso dessa substância foi como ter chegado muito longe, em seu auge quanto ao abuso de drogas. Nesse momento, Ana relatou o reconhecimento do quão longe havia ido e um sentimento de culpa que atravessou, por pensar em seus filhos.

O alcance do limite do uso da droga “pesada”, segundo ela, levou à reflexão sobre o fato de ter criado o que denominou de “uma casca”, uma espécie de proteção para não entrar em contato com seus sofrimentos atuais e com o seu passado. Em entrevista com Ana, esta relatou:

“Porque durante muito tempo da minha vida, até procurar ajuda aqui com vocês, eu criei uma proteção assim sabe? Eu achava que nada me abalava. Eu me tornei uma pessoa muito dura. Claro, eu estava muito machucada, mas eu não deixava mais as coisas externar, assim, sabe? Porque eu via como uma fraqueza. Desde sempre eu via que, quanto mais eu parecia fraca, mais eu chorava, não me posicionava como uma pessoa forte, que estava aguentando tudo aquilo, mais eu tinha que aguentar daquilo”.

A menção que Ana trouxe “daquilo”, se referiu, na entrevista, ao seu contexto familiar e assim apontou:

“... quando a gente vai apanhando, a gente vai se acostumando. Infelizmente isso é real. A gente vai apanhando e se acostumando. Tinha maneiras de sair daquilo. Por exemplo, tinha vezes que eu dormia no banheiro, para escapar da surra. Mas ouvir certo tipo de coisas é o que causou mais dano mesmo, que me dói muito mesmo, sabe? Tem algumas coisas que ficaram gravadas na minha cabeça. E para mim, foi pior”.

Já no começo da entrevista e, em várias passagens de seus processos de psicoterapia, Ana traz a sua percepção de violência em seu contexto. No trecho acima, fica clara a menção a agressões físicas, assim como agressões psicológicas, as quais citou serem mais marcantes para si mesma.

Conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), a lesão corporal com intenção, as agressões físicas em si, tais como as que Ana relatou ter recebido em sua infância e adolescência, é considerada, majoritariamente, um caso de violência que ocorre dentro do ambiente familiar. A violência emocional, conforme apontada pela entrevistada, segundo a OMS (2022), causa dano à autoestima e ao desenvolvimento da pessoa. Essas violências, físicas e psicológicas, tais como descritas por Ana, parecem tê-la levado tanto ao uso de drogas, assim como ter contribuído para a criação da “casca” mencionada por ela, tendo um fator influenciado o outro.

Em complemento, Ana apontou que durante os anos da pandemia de Covid-19, anteriores a 2021, passou por muitas mudanças: foi despejada da casa onde morava, perdeu o emprego no qual estava há seis anos e rompeu um relacionamento com uma pessoa de quem gostava. Nas sessões psicoterápicas, destacou que, intencionalmente, frente a essas mudanças, se colocava como se nada estivesse acontecendo e com isso, procurou “engrossar” a tal casca mencionada por ela. E, com isso, foi usando cada vez mais drogas. Quando ela se viu no auge do uso de drogas, percebeu que não estava bem.

E foi assim que Ana, em 2022, iniciou seu processo de psicoterapia. Sua principal queixa se relacionava ao seu reconhecimento de que pouco sabia sobre si, e que tinha a vontade de se compreender melhor, assim como compreender suas fragilidades, até então negadas ou abafadas por ela mesma.

No segundo semestre de 2023, Ana contou que, aos 19 anos, estava cansada de chorar. E que, naquele momento, havia decidido que queria “dançar”, no sentido de parar de chorar e ir se divertir, de aproveitar mais sua vida. Porém, ao tomar essa

decisão foi, ao mesmo tempo, a decisão de parar de sentir, a qual, de certa forma, contribuiu para o uso mais frequente das drogas. Ao ser questionada sobre o resultado dessa decisão, Ana então respondeu que, com a decisão lá do passado, havia de fato “dançado”, mas agora no sentido de que algo que havia saído errado ou ruim, que não tinha se dado bem na escolha feita, pois sentia que ela não estava bem.

A questão do uso das drogas parece ser algo presente ao longo da vida de Ana, conforme será desenvolvido ao longo deste trabalho. Na entrevista comentou que ainda faz uso de algumas substâncias e que muitas vezes, o que a faz frear no uso das drogas, é reconhecer a presença de seus filhos. Pontuou que eles são suas “boias”, dando a entender que, muitas vezes, são eles que dão apoio para ela não se afundar, tirando-a, possivelmente, do uso mais intenso das substâncias. Ter notícias do que lhe aconteceu no passado, no reconhecimento da dor nos filhos, segundo Ana, a impediu/impede de ir mais adiante no uso das drogas. Reconhece que não quer ter a mesma história que teve junto aos seus filhos. Mas a questão do uso de substâncias ilícitas é algo que acompanha Ana em sua trajetória de vida até o contexto atual.

Mais adiante em seu processo terapêutico, Ana também descreveu como estava sua relação com uso das drogas: “Igual cachorro quando vê o portão aberto”, no sentido de quando tem oportunidade, faz o uso, sem que tenha muito controle. Ana também mencionou ter tido uma “recaída”, quanto ao retorno do uso de drogas de forma mais intensa, argumentando que quando usa, “é um momento muito bom, de extravasar, de desconectar dos meus pensamentos e não se importar com o julgamento dos outros”.

O uso de drogas por Ana, inclusive a ausência do medo de misturá-las ou mesmo se aprofundar nelas, faz com que se estabeleça uma relação com a pulsão de

morte tal como descrita por Freud (1920/2006) e repensada por Laplanche (Padilha Netto & Cardoso, 2012). A pulsão de morte, assim como a pulsão de vida, seria para este último autor, pulsões sexuais que se originam a partir do inconsciente do outro. Essa primazia do outro é um dos fundamentos da Teoria da Sedução Generalizada (TSG) proposta por Laplanche (Padilha Netto & Cardoso, 2012). Segundo Belo (2004), essa pulsão de morte teria um caráter não organizado, intempestivo, de descarga visceral com satisfação imediata do desejo e que também apresenta aspecto destrutivo. Ao encontro das ideias de Laplanche, no caso de Ana, parece que essa pulsão de morte, desorganizada e não integrada parece ter decorrido da falta de amparo e suporte para que as mensagens enigmáticas de seus cuidadores pudessem ser aos poucos traduzidas (Baracat, 2022). E, essa pulsão, sem organização, se voltou para Ana, para si mesma, em uma tentativa de destruí-la, pelas próprias mãos.

De acordo com a ideia de traumas desestruturantes, para Ferenczi e Laplanche (Baracat 2022), seriam os abalos sofridos pela criança diante de um adulto francamente perturbado. Segundo a autora, a criança sabe que o outro que a cuida não a tolera, que sua existência não é bem-vinda - “tem um adulto comprometido com seu inconsciente encravado que irrompe sobre a criança” (p. 172).

Essa ideia de trauma desestruturante diverge da conceituação do trauma estruturante, sendo este como o que prepararia o sujeito para lidar ou enfrentar as questões que a vida oferece e exige. Essas podem ser exemplificadas como a renúncia ao prazer imediato, educação formal, treinos de higiene ou o próprio desmame, que se configurariam traumas cotidianos. Seriam esses eventos, ou traumas estruturantes, que, de certa forma, fortaleceriam o sujeito a lidar com questões da vida (Baracat, 2022).

Ana parece ter vivenciado constantemente traumas desestruturantes ao longo de sua infância. E o sujeito que sofreu violência, imerso no sofrimento, mobiliza a via pulsional por meio da destrutividade, de forma a minar a consciência que rege a memória e a representação. Sendo a autodestrutividade uma forma de descarga do excesso libidinal represado, diante da impossibilidade de representar devidamente o trauma (Baracat, 2022). Portanto, refletir sobre o uso das drogas como uma pulsão de morte diante da história de Ana, conforme será melhor descrito ao longo deste estudo, traz o alerta para a questão de uma possível via de autodestruição.

A “casca” denominada por Ana parece revelar uma proteção que ela teve que construir para seu íntimo não ser afetado a todo momento. Segundo Durski e Safra (2016), que sintetizaram as ideias de Didier Anzieu sobre o Eu-pele, apontam que a pele serve de proteção, sustentação e diferenciação do que está dentro e do que está fora e essa percepção depende da relação de cuidado e do manejo do bebê, ou seja, depende da relação com o outro. Não se sabe ao certo como foi a relação de Ana antes dos seus dois anos, mas diante do histórico de sua vida, Ana parece ter precisado construir, simbolicamente, seus limites físicos mais grossos para poder suportar a dor que lhe atravessava cotidianamente, para conseguir aguentar o que ocorria, e o que atualmente tenta ainda não extravasar, não deixar escapar. E para a formação dessa barreira grossa que a conteve e que a limitou, a “casca” e os ditos malformações e/ou abalos no Eu-pele, seria preciso desenvolver antes uma “pele de palavras que acalme a dor” (Anzieu apud Durski e Safra, 2016). A entrada de Ana em terapia parece ir nesse sentido de inscrever ou olhar para suas dores para se compreender e compreender sua história e, quem sabe, reescrevê-la.

Assim, em um movimento novo e, de certa forma, corajoso, Ana se lança em um processo de terapia, na busca de uma compreensão de si, de seus sentimentos. Como uma reflexão e analogia ao momento a posteriori, onde traumas ganham representações e sentido, Ana parece buscar compreender os eventos sofridos, por mais que ainda estejam recalçados, devido à descarga de desprazer que envolve a tradução e representação de tais eventos (Belo, 2004). Vale destacar que os eventos traumáticos, segundo Baracat (2022), podem ser entendidos como “um impacto do meio externo sobre o sujeito tanto de forma física quanto psicológica, seja por meio de um único evento de proporções catastróficas, seja por meio de pequenos eventos de forma cumulativa”, casos que parecem ter ocorrido na história de Ana.

3.3 Um passado familiar

Em relação a sua história de vida, torna-se necessário recuperar falas de Ana quanto à sua infância e adolescência. Assim, quando Ana tinha 2 anos de idade e seu irmão mais novo com menos de um ano de vida, seu pai faleceu por acidente de carro, aos 45 anos. E sua infância foi junto a sua mãe, mas também a avó e tia avó. Havia, portanto, muita interferência dessas figuras na vida dela. E essa configuração da mãe com Ana e seu irmão, na casa da avó, na qual já morava com a tia avó, foi até os seus 15 anos.

Ana relatou que, por conta do falecimento do pai, sua mãe começou a beber e ficava sempre muito agressiva com ela e com o irmão. Em entrevista, Ana descreve como era a relação com sua mãe:

“... E desde então a gente não teve mais a nossa mãe. Quer dizer, nem sei se a gente (Ana e o irmão mais novo) teve algum dia, porque já desde esse início ela (mãe) começou a trabalhar e não tenho essa lembrança dela estando em casa

ficando com a gente, fazendo papel de mãe. Não tenho nenhuma lembrança dela com a gente. (...) A minha mãe não estava presente. Ela só vinha para punir a gente. Então ela só chegava a noite do trabalho e, quando chegava, que eu lembro da figura dela. Aí ela vinha e dava uma surra e botava de castigo. E nunca conversava. E a punição era sempre assim. Se fez uma coisa errada, então vai apanhar e ficar de castigo”.

Essas falas vão ao encontro do que Ana descreveu quando de sua avaliação psicológica: sua mãe “era uma pessoa alegre, mas que estava sempre ausente e que quase nunca podia conversar com ela. Era autoritária, brava e que a agredia quando achava necessário”. E ainda, a mãe a “punia verbalmente, fisicamente e psicologicamente”.

Uma vez mais, Ana descreve com clareza como eram as agressões que recebia, tanto agressões físicas, a “surra” que levava, assim como as agressões verbais, que implicam uma violência psicológica.

Em um momento do processo terapêutico, ao ser questionada sobre como era receber as agressões físicas da mãe, Ana se emocionou. Pontuou que era doído pensar nesse passado. E então disse que, para ela, ainda quando criança, eram muito estranhas as agressões da mãe: “eu ficava procurando entender o que eu tinha feito”.

Complementou dizendo que era muito confuso o que tinha feito de errado. Baracat (2022), quando traz as ideias de Ferenczi sobre a origem do trauma, pontua como vem a ser um verdadeiro choque arrebatador e totalmente incompreensível à criança, quando esta está sob ameaças e punições severas. Para Ferenczi, o acolhimento teria papel importante no caminho da elaboração do trauma pelo sujeito que o viveu (Baracat, 2022). Diante da história de Ana, parece ter havido ausência de um acolhimento para

que ela pudesse passar por violências ou traumas que a possibilitasse a construção de defesas menos danosas a si mesma.

Essa noção da falta de amparo nos leva a ideias de Winnicott (Diniz, Assis & Souza, 2018) sobre *holding* como conceito que traz a importância da existência do(a) cuidador(a) que dá sustentação, afeto ao bebê e que assim, favorece sua integração como sujeito. E, no sentido ainda desse conceito, este traz, também, a importância de um ambiente seguro, estável àquele que está em processo de amadurecimento. Ana parece vivenciar justamente a ausência do *holding*, até então, em especial, o de sua mãe. A presença da mãe em casa ainda assim foi entendida por Ana como ausência, pois não foi percebido por ela como alguém que estava junto, cuidando, olhando, construindo algo com ela e seu irmão.

Em continuidade à questão da relação de Ana com sua mãe, a entrevistada falou que a relação era conflituosa, mas que, no momento em que a mãe faleceu, por infarto, aos 45 anos (Ana tinha 26 anos), Ana disse que foi um momento muito dolorido e que acreditava que as duas estavam em um momento de reconciliação, e assim pontuou que “a morte dela (da mãe) trouxe a impossibilidade de uma proximidade que eu pensava estar acontecendo”.

Sobre essa percepção, na terapia, Ana trouxe reflexões sobre o que gostaria de ter falado para sua mãe se a mesma estivesse viva. E, simulando essa situação, Ana então pediu desculpas pelas coisas que tinha feito e magoado a mãe. Em seguida, falou que esperava que a mãe compreendesse também o seu lado. Na sequência, Ana verbalizou o que ela pensou que sua mãe poderia falar depois de a ter ouvido. Para Ana, a mãe diria que, de fato, muitas coisas ruins haviam acontecido e que Ana, realmente, havia dado trabalho e que sua vida era muito pesada. Mas, o que Ana gostaria de ter

escutado da mãe era que ela (mãe) a compreendia, que a amava muito e que lamentava o que as duas haviam passado.

Interessante perceber que, mesmo que Ana tenha pontuado sua percepção de reconciliação com sua mãe antes de seu falecimento, ela ainda marcou uma percepção negativa que a mãe poderia ter sobre ela. Mas reconheceu o que gostaria de ter ouvido. Por meio da fala de Ana, depreende-se uma vontade de que a mãe a compreendesse, que demonstrasse amor a ela. Pode-se refletir sobre essa passagem, como uma expectativa de Ana, de algum dia poder receber um carinho ou um gesto afetuoso de sua mãe, uma vez que esses não foram demonstrados enquanto a mãe estava viva. Parece que Ana clamava por uma espécie de *holding*, uma sustentação, mesmo já adulta, como uma forma de reparação do passado.

Além de sua relação conflituosa com a mãe, Ana também pontuou como era difícil sua relação com a avó, que protegia seu irmão mais novo enquanto tia avó a protegia. Entretanto, essa questão de proteção da tia avó, foi também comentada por Ana como algo que hoje, adulta, entende que “era muito desrespeitosa e que em vários momentos chegava a ser abusiva” e que tinha vergonha de dizer que achava estranho o amor que sua tia avó tinha por ela, pois não era um amor que queria. Em entrevista, Ana citou:

“A minha tia era quem cuidava de mim. Eu sinto que ela gostava muito de mim. Mas eu não sei qual foi o contexto que ela foi criada. Então também era de uma forma muito violenta, não era afetuosa e quase nunca um problema se resolvia na conversa. Era de fato a forma mais violenta possível. E às vezes não era só violência física, só bater. Porque eu acho que isso daí eu até... não me causou

tantos danos. Mas a violência verbal mesmo, de muitas palavras duras que eu acho que isso me dói mais”.

Uma vez mais, Ana revela a dor e as marcas mais profundas das palavras que lhe eram direcionadas, seja por sua mãe ou tia avó. Aqui também, se apresenta outra figura cuidadora de Ana que parecia se apresentar de forma violenta, de forma que a atravessava e, até certo ponto, a anulava como sujeito.

Ana disse, tanto em seu processo terapêutico, quanto na entrevista realizada que usavam palavras como “essa infeliz”, “endiabrada”, “vadia”, “que não prestava” “que ninguém ia me aguentar na vida”, “que sou muito difícil”, “sou ingrata”, “que não ia ser alguém na vida”, “que ninguém ia me amar”. Em um ponto da entrevista, Ana ressaltou o seguinte trecho: “Eu lembro muito da minha mãe falar: nunca ninguém vai te amar. Esse é dolorido. É a voz dela. Ninguém vai te amar, ninguém te aguenta”.

Em relação ao uso das palavras que a agrediram, mais do que o uso da força sobre o corpo de Ana, parece ser inevitável traçar aqui a relação com a instância psíquica o Super Eu, como as leis que são introjetadas pelo sujeito. Fato é que as regras são formadas a partir das imagos parentais, ou seja, daquilo que o sujeito (infante, pois Super Eu é produto do complexo de Édipo), vai interpretar do que são as leis provenientes daqueles que cuidam dele (Laender, 2005). Reflete-se, então, sobre o quão significativamente Ana introjetou os valores que ela mesma interpretou como vindos de suas cuidadoras, a partir dos processos de observação, de julgamento e de punição. E então, o questionamento: o quanto Ana se pune por sentir que nunca corresponde aos valores ou aos ideais que lhe foram impostos? Essa questão poderá ser analisada mais à frente.

O mesmo uso de palavras depreciativas ocorria na relação com sua avó. Mas com esta figura, havia mais. Ana relatou que sua avó a manipulava quando criança, fazendo chantagem para ela ligar, constantemente, para a mãe, solicitando que esta voltasse para casa. E que essas atitudes a colocavam em confronto direto com sua mãe. Pontuou que se sentia usada pela avó e uma “marionete” sob o controle da avó.

Para completar o contexto familiar, Ana acrescentou que sua relação com seu irmão mais novo já era ruim na infância e, na adolescência, ficou ainda pior. Ana citou brevemente, sem se aprofundar nas agressões que sofria com seu irmão. Ana disse que não fala mais com ele desde que sua mãe faleceu e que não o perdoa pelas coisas que ocorreram entre eles. E então concluiu que sua “casa era um ambiente muito violento”.

Importante trazer um dado relatado por Ana, no decorrer do processo terapêutico em 2023: a mesma comentou que havia tentado suicídio por duas vezes, uma aos nove anos e outra aos 16 anos, por meio da ingestão de remédios. Essas idades coincidem com sua infância e adolescência. Naquele mesmo ano, já adulta, Ana comentou ter voltado a apresentar ideação suicida.

A questão do suicídio parece se aproximar da questão do uso das drogas. Ambas as ações parecem estar no sentido de desligamento, apagamento do sofrimento. Dão a entender que Ana passou, ao longo de sua infância e adolescência, por uma espécie de processo de assujeitamento tamanho que chegou ao ponto de, mesmo ainda pequena, sentir não haver sentido em viver. Tais ações dizem muito sobre a pulsão sexual de morte, de acordo com Laplanche (Padilha Netto & Cardoso, 2012), como forma de destrutividade voltada ao próprio sujeito.

No caso de Ana, a ausência de uma contenção que pudesse se dar através de uma relação mais afetuosa com alguém próximo a ela, provavelmente a impossibilitou de ter

uma organização das pulsões sexuais primitivas da infância. A impossibilidade de representações que pudessem trazer significados diante dessa pulsão sexual de morte voltada para si e passassem a ser pulsão sexual de vida, como pulsões consoantes ao ego, estáveis, não fragmentadas, a limitou para uma expressão ou satisfação por uma via mais organizada e harmônica (Padilha Netto & Cardoso, 2012).

A partir do que foi relatado, depreende-se que, desde cedo, Ana foi subjugada, não amparada, não olhada pelas suas cuidadoras. É possível que a falta de um lugar, tal como Ana era aceita dentro de sua família, a tenha levado a um sofrimento extremo de desamparo, a ponto da sua vida não lhe parecer mais fazer sentido. E o agravante é que esse reconhecimento por Ana, até o momento, ocorreu em três momentos de sua vida, cada um em uma fase diferente: infância, adolescência e, agora, como jovem adulta. Uma vez mais a importância e a valorização de Ana persistir em seu processo de psicoterapia, como um sinal de que deseja estar em um lugar diferente.

Nesse contexto de um ambiente violento, aos 15-16 anos, Ana foi morar com a sua mãe na terra natal da família materna.

Nesses anos, sozinha com a mãe, Ana vivenciou momentos difíceis. Se viu sozinha, tendo que lidar com as agressões físicas e verbais da mãe, ao mesmo tempo que tinha que cuidar dela, pois a mesma se encontrava frequentemente bêbada. Ana descreveu que, mesmo sendo agredida pela mãe, era ela quem colocava a mãe no banho e cuidava dela. Segundo Ana, essa cena era muito comum e que não deveria ser normal estar em uma posição de ser violentada e, ao mesmo tempo, cuidar dessa pessoa, sendo essa pessoa sua mãe.

Quando adolescente, Ana pensou que o jeito de sair do seu contexto familiar seria criando sua própria família. No processo terapêutico, ela refletiu sobre achar

estranho não ter pensado em ter um emprego e uma vida independente. Mas o movimento dela, à época, foi o de voltar para Brasília e se casar com 17 anos. Com 18 anos, teve seu primeiro filho e, com 21 anos, o seu segundo. Ana permaneceu casada até os 31 anos, momento então em que se separou e passou a morar somente com seus filhos.

Ao longo do processo terapêutico, Ana se mostrou com raiva e indignada por ter tido tanta gente em volta (mãe, avó e tia avó) e ao mesmo tempo se sentir tão sozinha. E afirmou que ela e o irmão precisavam ser olhados, precisavam ser cuidados, precisavam de disponibilidade para eles. Ana compreende sua falta sentida na infância e adolescência.

O reconhecimento de Ana acerca dessa falta parece se aproximar das ideias de Winnicott (Diniz, Assis & Souza, 2018), tanto quanto a questão do *holding*, no caso da ausência deste e, portanto, da ausência de amparo e sustentação para o desenvolvimento e maturação de Ana, como relacionado ao lar, no caso de Ana, aparentemente, insuficientemente bom.

O ambiente familiar para o infante em desenvolvimento é de uma importância ímpar, na perspectiva de Winnicott, uma vez que é o primeiro ambiente social da criança, onde ocorrerão as primeiras referências (Santos, 1999). O temor ou ameaça de existir um ambiente imprevisível ocasiona angústia àqueles que dependem de seus cuidadores (Santos, 1999). E, quanto menor a idade do infante, maior será o seu grau de vulnerabilidade no desenvolvimento psíquico, social e cognitivo, pois tende a ter maior dependência de seus cuidadores (Nunes & Sales, 2016).

Ana, agora adulta e mãe, sabe que lhe faltou o meio facilitador para que ela pudesse crescer, se constituir e amadurecer psiquicamente, socialmente e

cognitivamente. Houve falhas no ambiente de Ana e isso, possivelmente, explicaria os impasses no seu processo de maturação como sujeito ao longo do tempo e nas suas relações atuais.

Segundo Laplanche, faltou-lhe alguém que desse suporte a ela para tradução das mensagens enigmáticas que lhe atravessavam. Essa percepção da história de Ana se aproxima ao processo de implantação e introjeção descrito por Laplanche (Baracat, 2022). O primeiro caso, segundo o autor, ocorre quando as violências das mensagens enigmáticas do adulto sobre o infante são equilibradas pelo amparo e amor desse adulto. Esse processo não parece ser o caso de Ana, que se assemelha mais ao processo de introjeção, que coincide com o processo traumático desestruturante, mencionado anteriormente (Baracat, 2022).

A introjeção se refere àquelas mensagens enigmáticas do outro que inunda o infante, mas nessa situação, sem que se tenha o cuidado e afeto desse outro, na difícil tarefa de construir a tradução de tais mensagens, podendo ocasionar as tais vivências traumáticas, desestruturantes (Baracat, 2022). De modo mais sintético, Laplanche definiu a introjeção como o efeito da violência, do descaso e da negligência afetiva que um adulto pode dirigir a uma criança (Baracat, 2022).

Apesar deste contexto familiar de Ana, esta parece ter tido uma única pessoa, ainda que em poucos momentos, que lhe deu o amparo. Ana contou que o avô materno foi quem fez esse papel, era ele quem demonstrava amor a ela, levando-a para passear, mas mais ainda reconhecia o olhar que o avô lhe dava. Ana ainda marcou sua percepção sobre o avô: “era como uma luz.. quase apagada... mas ainda era uma luz”. Na sequência, Ana disse que também se sentia como um pontinho de luz e pontuou: “quero

fazer diferente do que fizeram comigo”, no sentido de ter mais atenção e de dar mais cuidados aos seus filhos.

O avô de Ana é reconhecido por ela como alguém que pôde lhe direcionar o olhar, alguém que se apresentou como um ponto fora da curva naquele seu contexto familiar, onde todas as outras figuras lhe dirigiam, de certa forma, algum tipo de violência. Ele, o avô, pode ter sido, mesmo que pontualmente na vida de Ana, aquele que favoreceu seu processo de desenvolvimento social e emocional. Talvez com o avô, Ana pudesse ser só ela, uma criança ou uma adolescente, sem a carga de todas as marcas das palavras ouvidas. Ana sabe da importância dessa figura em sua vida, e o reconhece como uma luz, um caminho que lhe ofereceu possibilidades. E a própria Ana manifesta o desejo de ser igual a ele e, ao mesmo tempo, fazer diferente do contexto familiar que, arrisca-se a dizer, era sombrio e sem luz, sob a sua perspectiva.

3.4 Ana e seu contexto atual

No ano de 2022, Ana começou a cuidar da avó e da tia avó. Neste momento, os papéis se invertem, Ana que era cuidada por elas, passa então a cuidar delas. Nesse mesmo ano, Ana sentiu muita angústia em relação a essas duas figuras. Pois a sensação era a de estar fazendo as coisas para as duas idosas e não ser o suficiente porque não sentia o reconhecimento por parte delas. Essa configuração se alterou, quando a própria Ana propôs que as duas fossem morar com ela e seus filhos.

Ana relatou que diziam que era ela quem tinha que cuidar da mãe e de seus familiares, ao que ela retrucava: “isso é um carma”, como uma espécie de plano elaborado por outros para ela. E que, com isso, ela não tinha saída, a não ser cuidar dessas figuras, as quais, no passado, a agrediram.

Por outro lado, na entrevista, Ana não citou o plano destinado a ela:

“Eu acho que eu estava procurando... que eu estava me auto afirmando ali que eu era capaz, que algum momento elas iam me amar, que elas iam perceber que eu era uma boa pessoa. Sabe? (...) talvez em algum momento essa semente começou a brotar, nela (avó). Na minha tia não”.

Ana destacou sua expectativa com relação à avó e à tia avó, quanto à possibilidade de surgir alguma relação de mais cuidado e mais amor entre elas e Ana. Expectativa próxima à que teve com a mãe, de uma possível reparação. Mas não foi o que ela, agora no presente, também encontrou.

Em 2023, Ana pareceu ter tido uma percepção muito importante sobre si. Após se queixar de como era difícil conviver e ter que cuidar das duas idosas de sua família, Ana se deu conta de como se sentia parecida com sua tia avó. Para Ana, sua tia avó falava que havia abdicado de ter sua própria vida para voltar-se a cuidar dos outros, mas ao mesmo tempo, reclamava, como se a culpa dessa escolha fosse dos outros, no caso, de Ana.

Ana, então, se viu diante de sua própria escolha: de se colocar como cuidadora de sua avó e tia avó, ao passo que percebeu que sua vida, suas vontades estavam todas em segundo plano. Ainda refletiu que a decisão havia sido dela, mesmo que houvesse um plano de outra pessoa para ela. Então, Ana se emocionou.

É inevitável o questionamento acerca do que estaria em ação, em Ana, a manifestação do seu Super Eu, no sentido de haver leis rigorosas introjetadas, de não ser possível “outra pessoa cuidar de quem, um dia, cuidou de mim”. E, diante disso, a reflexão sobre os ideais que atravessam Ana e que atravessam, por assim dizer, seus desejos, suas vontades, os quais acabam sendo anulados pelos outros, mas, mais ainda, por ela própria.

Apesar de ter visto e refletido acerca de sua semelhança com a tia avó, Ana ainda permaneceu na situação de receber as duas idosas em sua casa e ter a responsabilidade de cuidar delas até 2024. Somente com a morte da avó que Ana se vê, enfim, com um sentimento de liberdade. Mas em relação à tia avó, que se muda de cidade sem comunicar o fato à Ana, sente mágoa. Em entrevista citou: “Mas o mais complicado assim para mim, é que é triste perder minha avó, mas eu estou aliviada. É horrível falar isso, mas é verdade. E penso, ainda bem que ela descansou e eu também”.

Sobre sua tia avó, relatou: “E eu só fui avisada. E isso foi bem dolorido. E foi sem se falar. E ela só foi embora”.

Diante das três figuras que Ana tinha como cuidadoras, agora, na vida adulta, Ana procura ser reconhecida, procura pelo amor delas para si, mesmo diante de tantas falas que a subestimaram e “surras” que a marcaram. Mas pelos relatos de Ana, ao seu olhar, tanto a mãe, como a avó, e a tia avó, parecem não terem percebido a existência dela. Em sua própria fala, Ana disse: “Nesse momento eu percebi que era o que eu estava esperando, mas não veio”. Uma vez mais uma reflexão de uma expectativa de reparação do passado que não ocorreu.

Importante destacar que, ao longo do processo terapêutico em 2023, Ana foi se percebendo desanimada, sem vontade de levantar da cama para realizar as coisas para os outros e para si. Ana pontuou que parecia estar desistindo de si mesma. E quando pensava em realizar algo para si, na sequência já lhe vinham os julgamentos de que não ia dar conta, ou de que ia começar, mas não ia conseguir dar continuidade e que, por isso, já desistia de fazer algo, só de pensar, antes mesmo de começar. E ainda apontou sentimentos ou percepções negativas de si quanto a sua sensação de se sentir velha, que o outro não iria gostar da vida que ela tem; que não se aprofundava nas relações

amorosas com medo de se frustrar e que o outro poderia ficar receoso em apresentá-la aos amigos/familiares.

Durante o processo terapêutico, ressaltou se sentir decepcionada com sua imagem, de ser menos que os demais, mas que não conseguia se mobilizar para fazer algo, para sair da situação. Hoje não se acha capaz. Em entrevista, ela citou:

“... eu me sinto muito, muito fracassada... eu tenho muito medo do fracasso, sabe? Eu estou sempre pensando que eu não vou conseguir... eu realmente acho que eu não mereço, que eu não vou conseguir. ”

Esses trechos da entrevista convergem com as palavras que Ana destacou, em 2023, no processo de avaliação psicológica: sem valor, sem utilidade, vida vazia, sentimento de inadequação, estupidez, de não conseguir fazer nada direito, moralmente errada, ansiosa, sem confiança, indecisa e desconfiada quanto a sua percepção de si. E se auto descreveu como tendo vergonha de si. Todas essas expressões parecem revelar a força da violência dos ataques contra si mesma, os quais ficam tão insuportáveis que ela precisa projetá-los na realidade exterior.

Mais adiante na entrevista, ao ser questionada sobre como ela percebia esses acontecimentos do passado em sua vida atual, Ana expressou:

“Foi difícil entender, eu chegar até aqui e entender que muitas coisas estão associadas a isso (violências pelos familiares) ... Então foi difícil eu perceber que aquilo me fez tão mal. Foi muito tempo para eu admitir que aquilo (agressões familiares) não estava curado em mim. Então depois mexendo, olhando e avaliando, eu vi muita coisa que me prejudicou. (,,) E eu não sei sabe, hoje em dia ainda é muito difícil eu entender que as coisas não são minha

culpa porque eu vivi muito tempo achando que tudo era porque eu merecia, sabe?”

Ao debruçar sobre a história de vida de Ana, torna-se inevitável recorrer também às ideias do psicanalista húngaro, Sándor Ferenczi, o qual, segundo Baracat (2022), a partir dos anos de 1928, voltou-se à questão dos traumas desestruturantes ou melhor, voltou-se à problemática do desamor, a partir das histórias de vida de seus pacientes que lhe chegavam “estilhaçados e dilacerados pelo terrorismo do sofrimento gerado por traumas”. Baracat (2022) ainda aponta que Ferenczi, em seus textos, afirmava que as crianças não acolhidas ou que receberam rudeza e pouco afeto, não raro, vinham a apresentar o desejo de morte. Para a autora, essas crianças, sujeitos em desenvolvimento, estavam prejudicadas pelo desamor do outro. Este outro, contraditoriamente, mas não sem lógica, era/é o sujeito a quem se depositava/deposita todo o amor do infante/indivíduo, por ser o seu primeiro objeto de desejo.

Na história de Ana, mesmo havendo a possibilidade de três figuras ao redor, nenhuma, sob a sua percepção, parece a ter amparado com afeto e reconhecimento sobre quem Ana realmente era, um sujeito em amadurecimento. Ferenczi pontuou que crianças, acolhidas com rudeza e sem carinho, vinham a apresentar o desejo de morte e que essas, precocemente lesadas, apresentavam dificuldades cada vez mais complexas na vida (Baracat, 2022), fato que parece ter relação com os dias atuais de Ana, de não se sentir emocionalmente capaz.

Ana, parece revelar seu Super Eu impiedoso ou Eu ideal perverso, tendo introjetado aquilo que sempre ouviu, os subjulgamentos que fez com que duvidasse de sua própria capacidade.

Freud (1914) apontou o Eu Ideal, como sendo uma instância imaginária em que o sujeito busca ser a partir da satisfação dos seus objetos de desejo, no caso de Ana, dos outros ao seu redor. Diante das palavras depreciativas que escutava, da ausência de reconhecimento pelo jeito que era/é, e diante do desamparo, Ana parece estar em busca daquilo que imagina que o outro espera dela. E assim, Ana parece tornar-se carrasca de si mesma, uma vez que as leis oriundas da imago de suas criadoras, o Super Eu, ganharam peso no Eu Ideal, indicando o que Ana deveria ser. Ao mesmo tempo, este ideal ou melhor, a busca persistente deste ideal é que lhe confere uma fonte de angústia intensa por acabar reconhecendo que não é aquilo que imagina que esperavam dela. Ana parece eternamente endividada consigo mesma, como um déficit moral atribuído a ela e por ela.

Para a construção do Eu Ideal a partir dos próprios desejos de Ana, uma alternativa seria que ela passasse a construir seu Ideal do Eu. Freud (1914) denominou de Ideal do Eu uma instância do sujeito que projeta como este pretende ser, já não mais como uma idealização dos outros, mas o que é singular ideal do sujeito e que tem relação com seus conteúdos recalçados. Seria importante a reflexão sobre os ideais dos outros que Ana toma para si como objetivo de vida. Arrisca-se a dizer que esse caminho de descoberta de suas instâncias, desejos e vontades próprias, possa ser favorecido em seu processo de psicoterapia e talvez proporcionar a Ana um lugar de menos sofrimento. Nesse movimento de reflexão, haveria uma oportunidade de Ana se aproximar um pouco mais de seus elementos recalçados que vão dizer sobre a construção do seu Ideal de Eu, mais alinhados aos seus desejos.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi possível ter notícias sobre o ambiente familiar de Ana, quando criança e adolescente. Por meio de suas falas, tanto na entrevista como nos registros de seu processo de psicoterapia, foi possível observar os sentidos atribuídos à violência que Ana vivenciou. Em alguns momentos houve a afirmação da entrevistada quanto às marcas mais profundas da violência psicológica, pelas palavras depreciativas que lhe eram dirigidas, em comparação com a violência física que também recebia.

A essas falas, Ana sinalizou consequências sentidas até os dias atuais, como uma fonte de sofrimento psíquico para ela. Como dito, Ana parece ter incorporado os ideais de suas cuidadoras que a subjugaram. Seu Eu Ideal, segundo Freud (1914), parece estar na busca incansável por aquilo que se espera dela, como se Ana estivesse sempre em dívida consigo mesma, uma vez que tinha e parece ainda ter a percepção de não conseguir atender a esses ideais incorporados e, conseqüentemente, às suas expectativas atuais.

Mesmo Ana já adulta, esta procurava por uma aprovação dessas figuras, um reconhecimento de que suas cuidadoras a vissem como alguém capaz, boa e suficiente, fato compreendido que nunca fora recebido, nem por parte de sua mãe, tampouco da sua avó e tia avó. Ainda que nos dias atuais os papéis tenham se invertido, de ser cuidada para ser cuidadora de quem a cuidou, mesmo neste papel, Ana se deparou com a impossibilidade de alcançar os objetivos desses ideais que incorporou para si. Não à toa tem-se a percepção de Ana sobre seu sentimento de fracasso, incapacidade e de se sentir inferior ao outro. Esse fato leva à reflexão acerca do ambiente familiar de Ana.

Assim como dito pela entrevistada, mesmo havendo três figuras de cuidadoras (mãe, avó e tia avó) próximas a Ana, em seu dia a dia, o contexto familiar de Ana, percebido, foi o de um ambiente em que lhe faltou amparo, desde o seu início de vida. Faltou-lhe a sustentação e o apoio de um ambiente que pudesse favorecer o seu desenvolvimento emocional e social, como o conceito de *holding*, a partir do pensamento de Winnicott (Diniz, Assis & Souza, 2018).

A expectativa de um ambiente suficientemente bom (Olic, 2019) parece ter sido falha ou insuficiente, no sentido de pouca ou nenhuma adaptação às necessidades de Ana, como infante em processo de amadurecimento. Para as ideias de Laplanche, parece ter faltado à Ana apoio para as traduções das mensagens enigmáticas nas quais se sentia inundada pelas suas cuidadoras. Por meio do processo de introjeção, parece que Ana, durante sua infância e adolescência, no seu ambiente familiar, vivenciou traumas do tipo desestruturantes, em que o inconsciente do adulto, no caso das cuidadoras de Ana, a irrompeu, ou seja, a atravessava de modo violento, sem que ela tivesse sustentação ou apoio para traduzir tantas mensagens recebidas. Em Ana, a consequência dessa falta pode ser refletida através da pulsão sexual de morte que pôde ser refletida em suas falas.

Os usos das drogas, assim como as tentativas de suicídio, podem ser interpretadas como pulsão destrutiva, desorganizada, voltada à própria Ana, no sentido de trazer apagamento, anestesiamento ou mesmo anulamento de si. Ferenczi, em seus textos sobre o desamor, já apontava como as crianças acolhidas com rudeza e pouco afeto vinham a apresentar o desejo de morte (Baracat, 2022).

À luz das ideias de Laplanche, observa-se que a impossibilidade de representações dessa pulsão sexual de morte voltada para si fez com que Ana se limitasse ou impossibilitasse de se expressar ou de satisfazer sua pulsão por uma via mais organizada e harmônica, como uma pulsão sexual de vida, de modo construtivo e não destrutivo (Padilha Netto & Cardoso, 2012).

Ana reconhece a falta de amparo e apoio em sua infância. E hoje, como mãe, sabe que quer estruturar um ambiente suficientemente bom para os seus filhos, almeja fazer diferente do que recebeu ou deixou de receber. E, diante de suas reflexões, busca oferecer um contexto diferente aos seus filhos, um contexto que busca ser sustentado no afeto, no diálogo e no amor.

Depreende-se com esse trabalho a importância da não naturalização dos ambientes familiares violentos e da negligência quanto às consequências psíquicas de um ambiente violento em que uma criança vulnerável e totalmente dependente pode estar submetida. Este estudo trouxe elucidacões acerca das consequências emocionais sentidas e vivenciadas até mesmo na fase adulta.

Espera-se que os resultados deste trabalho possam ajudar os profissionais da saúde, assim como os dispositivos sociais de amparo às crianças e adolescentes a lidarem com a complexidade do sofrimento psíquico dos sujeitos atrelados a um ambiente familiar violento.

Referências

- Anuário Brasileiro de Segurança Pública, (2023). São Paulo: *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, ano 17, 2023. ISSN 1983-7364.
- Baracat, J. (2022). *Do trauma da sedução à sedução do traumático: diálogos entre Sándor Ferenczi e Jean Laplanche*. São Paulo: Zagodoni. 1 ed. 200p.
- Belo, F. (2004). Os efeitos da violência na constituição do sujeito psíquico. *Psychê*, Ano VIII, nº 1, São Paulo, p. 77-94.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: Senado Federal.
- Brasil. (1990). Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA, *Estatuto da Criança e do Adolescente*.
- Dias, E. O. (2017). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. 4 ed.
- Diniz, I. A., Assis, M. O., & Souza, M. F. S. de. (2018). Crianças Institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 3(5), 261-285.
- Durski, L. M e Safra, G. (2016). O Eu-pele: contribuições de Didier Anzieu para a clínica da psicanálise. *Reverso*, v.38, n. 71, p. 107 – 114.
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, v. 70, p. 257-278.
- Freire, A. L. S. (2010). *Constituição do sujeito sob o signo da violência Estudo de um caso*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 121f.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. Em: Freud, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. vol. VII.
- Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIV, p. 83-119.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. Em, Freud, S. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).
- Freud, S. (2006a). Além do princípio de prazer. Em Freud. S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVII I, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Godoy, D. B. O. A. & Bairrão, J. F. M. H. (2014) O método psicanalítico aplicado à pesquisa social. *Psicanálise Clínica*, v. 26, n. 1, p. 47–68.

- Iribarry, I. N. (2003) O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*. v. VI, n. 1, p. 115-138, jan-jun 2003.
- Laender, N. R (2005). A construção do conceito de superego em Freud. *Reverso*, v. 27, n. 52. p.63-68.
- Nunes, A. J. & Sales, M. C. V. 2016. Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 3, pp. 871-880.
- Neves P. J. (2020). Crianças Institucionalizadas: um olhar sobre vínculos e seu desenvolvimento psicossocial. *Psicologia Da Saúde E Processos Clínicos*, 1(1);
- Olic, T.B (2019). *Família acolhedora: contribuições de Winnicott sobre a importância do ambiente familiar para o desenvolvimento infantil*. Dissertação de mestrado apresentada ao Núcleo Método Psicanalítico e Formação da Cultura em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 117f.
- Orlandi, E. P. (2005) Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos da Língua(gem)*, n. 1, p. 9-13, jun 2005.
- Padilha Neto, N. K. & Cardoso, M. R. (2012). Sexualidade e Pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 3, p. 529-537, jul./set.
- Rosa, M. D. & Domingues, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia e Sociedade*; v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010
- Santos, M. A. (1999). A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. Porto Alegre: *Psicol. Reflex. Crit.* 12(3).
- Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. Em: D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, (Original publicado em 1945). 218-232.
- Winnicott, D.W. (1983), *O ambiente e os processos de maturação: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: artmed, (Original publicado em 1962 e 1963). 55-61 e 79-87.
- World Health Organization (WHO). *World report on violence and health* Geneva: WHO; 2002.
- World Health Organization (WHO). *Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence*. Geneva: WHO; 2006.

Anexos

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro estar ciente que:

1. Serei atendido no processo de _____, que será conduzido por um aluno / estagiário formando do curso de Psicologia do CEUB, que será orientado por um professor devidamente qualificado e inscrito no CRP – Conselho Regional de Psicologia.
2. Os atendimentos poderão ser observados através de uma sala destinada a este fim, para que o estagiário possa ser orientado pelo professor – supervisor e para que outros alunos possam também aprender com o acompanhamento do caso.
3. De acordo com os objetivos do Projeto de Estágio, os atendimentos poderão ser filmados ou gravados, para fins de acompanhamento da evolução do caso e/ou pesquisa.
4. O estagiário guardará segredo (sigilo profissional) em relação ao que for tratado nas sessões, exceto na supervisão.
5. Nos casos em que o cliente for inscrito no CENFOR por Instituições/ Empresas, o professor–supervisor poderá encaminhar laudos psicológicos a um outro profissional da mesma área, a critério da Instituição / Empresa e / ou a critério do próprio CENFOR.
6. Os casos atendidos no CENFOR, para serem divulgados publicamente, seja como relatório, artigo, monografia ou em simpósios, congressos, etc., deverão submeter-se à aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____.

Nome do Cliente: _____

Assinatura do Cliente

Aluno

Professor Orientador

Anexo 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

(Entrevista Semiestruturada)

Título do trabalho: Violência familiar na infância e seus impactos na vida adulta do indivíduo: Relato de um caso

Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília

Pesquisadora responsável: Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisadora assistente: Laura Altafin Cavechia, aluna do 10º. Semestre do curso de Psicologia

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo principal desse estudo é investigar as percepções e os impactos das vivências infantis de violência familiar sobre uma mulher adulta.
- Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) por ter vivenciado experiências de violência familiar em sua história de vida e auxiliará os pesquisadores a aprofundarem o conhecimento acerca dessa temática.

Procedimentos do estudo

- Sua participação ocorrerá de duas formas, sendo a primeira, a partir da leitura do seu prontuário de atendimento no CENFOR, onde constam os relatos das sessões e relatórios finais semestrais dos atendimentos realizados. Importante pontuar que a utilização de prontuários para fins de pesquisas científicas é amparada na

Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e está em consonância com as orientações contidas na Carta Circular nº 006/2019 do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEUB. A segunda forma de participação será a partir de respostas a uma entrevista que terá como tema central a violência familiar na infância e adolescência;

- A entrevista poderá ser realizada de forma presencial, na clínica escola do CEUB ou online, através da plataforma Google Meet, em uma sala virtual criada pelos pesquisadores. Serão garantidos o sigilo e a confidencialidade das informações obtidas, em consonância com o Ofício Circular no. 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que descreve os procedimentos a serem seguidos em pesquisas em ambientes virtuais.
- A entrevista terá duração prevista de uma hora e trinta minutos. A participante deve estar no local combinado ou em sala virtual no dia e horário previamente combinados.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento da participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre os impactos subjetivos da violência familiar na infância.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso informar ao pesquisador assistente.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora assistente Laura Altafin Cavechia, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo,

sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de 2024.

Participante

Pesquisadora Responsável: Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

Celular: (61) 99986-2105 – E-mail: aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Pesquisador Assistente: Laura Altafin Cavechia

Celular: (61) 99996 5208 – E-mail: laura.cavechia@sempreceub.com

Endereço do/a(os/as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

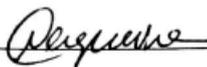
Telefones p/contato: (61) 3966-1200

Anexo 3

Termo de Aceite Institucional

Eu, **Aurea Chagas Cerqueira**, responsável pela pesquisa, “**Violência familiar na infância e seus impactos na vida adulta do indivíduo: Relato de um caso**”, juntamente com a aluna **Laura Altafin Cavechia** (pesquisadora assistente), solicitamos autorização para desenvolvê-la nesta instituição, no período de **05/08/2024 a 31/10/2024**. O estudo tem como objetivo investigar, com base nas concepções teóricas da psicanálise, as percepções e os impactos das vivências infantis de violência familiar sobre uma mulher adulta, de 37 anos, em atendimento psicológico em uma clínica-escola do DF. O estudo será realizado por meio dos seguintes procedimentos: a pesquisadora assistente irá, numa primeira etapa, em conjunto com a pesquisadora responsável, analisar o prontuário da participante, que se encontra em atendimento psicoterápico no CENFOR, cujo TCLE tenha sido devidamente assinado. Paralelamente, a pesquisadora assistente fará uma entrevista semiestruturada. Desta forma, será analisado o contexto familiar da paciente, na infância, quanto à sua estrutura, relações entre os membros e percepções sobre os atos violentos; consequências dos atos violentos sobre o desenvolvimento emocional, cognitivo da paciente e para sua vida adulta, bem como reconhecimento de possível sofrimento psíquico e expectativa para sua vida adulta.

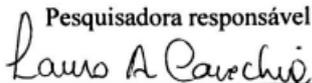
Declaramos que a pesquisa ocorrerá em consonância com as Resoluções CNS nº 466/2012, nº 510/2016 e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (CEP-UniCEUB).



Profª. Me. Aurea Chagas Cerqueira

(61) 99986-2105/aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Pesquisadora responsável



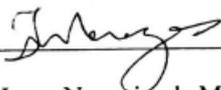
Laura Altafin Cavechia

(61) 99996-5208/ laura.cavechia@sempreceub.com

Pesquisadora assistente

Eu, **Izane Nogueira de Menezes**, Supervisora Geral de Estágio do CENFOR, venho por meio deste termo, informar que estou ciente e de acordo com a realização da pesquisa, em conformidade com o projeto ora apresentado, e que essa instituição dispõe de infraestrutura necessária para desenvolvê-la de acordo com as diretrizes e normas éticas.

Brasília-DF, 31 de maio de 2024.



Izane Nogueira de Menezes

Supervisora Geral de Estágio do CENFOR

Apêndice 1

Roteiro de entrevista semiestruturada

Contexto familiar na infância:

Compreender a estrutura familiar ao longo da infância e adolescência;

Compreender o ambiente familiar e relações entre os familiares;

Compreender a elaboração pela participante sobre os tipos de violência sofrida na infância e adolescência;

· Consequências dos atos violentos

Compreender a percepção da participante acerca dos significados dos atos violentos para sua vida;

Compreender a percepção da participante sobre seu desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo diante do contexto de violência familiar (dificuldades, caminhos encontrados, sentimentos marcados, desafios, emoções...);

Compreender a percepção da participante sobre as possíveis consequências de seu contexto familiar para sua vida adulta;

Compreender a percepção da participante sobre possível sofrimento psíquico decorrente de seu histórico de violência familiar;

· Perspectiva para o futuro

Compreender a percepção da participante quanto a sua expectativa (planos para o futuro, desejos, vontades...) para sua vida adulta, diante do reconhecimento da sua história.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência familiar na infância e seus impactos na vida adulta do indivíduo: Relato de um caso.

Pesquisador: AUREA CHAGAS CERQUEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80768724.0.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.974.894

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento de Informações Básicas da Pesquisa postado na Plataforma Brasil.

O projeto investiga os impactos psicossociais de um passado de violência familiar na vida adulta de uma mulher de 37 anos, em atendimento em uma clínica-escola em Brasília-DF. Utiliza a psicanálise e análise do discurso como métodos para compreender essas percepções.

- a) TIPO DO ESTUDO: Pesquisa qualitativa com uso do método da análise do discurso.
- b) DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: Mulher adulta de 37 anos, em atendimento psicológico na clínica-escola do CEUB, que vivenciou violência familiar na infância.
- c) NÚMERO PARTICIPANTE DAS PESQUISA: 1 participante.
- d) FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: Relato de um caso com participante da pesquisa em atendimento no CENFOR.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.974.894

e) **CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:** Mulher adulta de 37 anos; Histórico de violência familiar na infância; Atualmente em atendimento psicoterápico na clínica-escola do CEUB.

f) **CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:** De acordo com o projeto, não aplicável, já que a pesquisa se concentra em um único caso específico.

g) **TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO:** Centro Universitário de Brasília (UnICEUB), Clínica-Escola do Centro de Formação de Psicólogos.

h) **PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES:** Análise de prontuário e entrevista individual semiestruturada.

i) **MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES:** Leitura do prontuário da paciente; Realização de uma entrevista individual semiestruturada com a paciente.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar, a partir da perspectiva da psicanálise, os possíveis impactos psicossociais de um passado violento e familiar percebidos, de forma singular, na vida adulta de uma participante de 37 anos, que se encontra em atendimento em uma clínica-escola de Brasília-DF.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

O estudo possui baixos riscos, inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo, como esclarecer que não há respostas certas ou erradas e que a participante pode interromper sua participação a qualquer momento.

BENEFÍCIOS:

A participação na pesquisa pode ajudar a compreender melhor os impactos da violência familiar na infância sobre a vida adulta, contribuindo para o conhecimento científico e para a intervenção de profissionais da saúde e educação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

a) Devido à natureza do estudo, considera-se a pesquisa com risco mínimo.

b) Houve indicação correta das medidas protetivas para o risco apresentado.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.974.894

- c) Orçamento: os gastos serão custeados pelo pesquisador.
- d) Cronograma: A coleta de dados está prevista para iniciar-se em julho de 2024 e o encerramento do projeto está previsto para dezembro de 2024.
- e) Instrumento de coleta de dados: o questionário apresentado está adequado em termos éticos, pois garante a confidencialidade e a voluntariedade da participante, seguindo as diretrizes éticas necessárias.
- f) Contexto da realização da pesquisa: trata-se de uma monografia necessária para a conclusão do curso de Psicologia no UniCEUB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- a) Apresentou a Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada.
- b) O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma adequada.
- c) Apresentou a Carta de anuência de setores do UniCEUB (CENFOR) devidamente preenchida e assinada.
- d) Apresentou o projeto detalhado e o roteiro de entrevista semiestruturada.

Recomendações:

Ao final da pesquisa, deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB

https://drive.google.com/drive/folders/1EwnqHx_iMXeRyh3mm3hpawll-RyIIYFm?usp=share_link,
em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende os requisitos éticos e a pesquisa está em condições de ser iniciada, após reformulação do TCLE, que foi solicitada por email e respondida em 09/07/2024.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.974.894

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - desenvolver o projeto conforme delineado;

III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 11ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 5 de julho de de 2024 e aprovado após o envio de respostas, em 09/07/2024 às solicitações enviadas por email.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	TCLE_LAURA_ALTAFIN_CAVECHIA_R eformulado.pdf	09/07/2024 09:01:07	Marilia de Queiroz Dias Jacome	Aceito
Outros	Email_da_Pesquisadora.pdf	09/07/2024 09:01:01	Marilia de Queiroz Dias Jacome	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_2361157.pdf	18/06/2024 23:53:22		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_LAURA_CAVECHIA.	18/06/2024	AUREA CHAGAS	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.974.894

Folha de Rosto	pdf	23:53:00	CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_LAURA_ALTAFIN_CAVECHIA.pdf	18/06/2024 01:12:06	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Monografia_LAURA_ALTAFIN_CAVECHIA.pdf	18/06/2024 01:11:47	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Aceite_LAURA_CAVECHIA.pdf	18/06/2024 01:11:33	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	LATTES_Aurea_Chagas_Cerqueira_Mar2024.pdf	12/06/2024 00:28:21	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_LauraAltafinCavechia.pdf	10/06/2024 21:06:35	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 30 de Julho de 2024

Assinado por:
Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br